

PARA REFLETIR...

Não se desespere!

Do mal será queimada a semente...

Mario Sergio Cortella

Não me canso de ouvir e meditar sobre os sábios versos cantados um dia por Nelson Cavaquinho na inspiradora *Juízo Final* (de Elcio Soares e do próprio Nelson Cavaquinho): “*O sol há de brilhar mais uma vez./A luz há de chegar aos corações./ Do mal será queimada a semente./ O amor será eterno novamente.*”

E ele esperançosamente insiste: “*É o Juízo Final, a história do bem e do mal./ Quero ter olhos pra ver / a maldade desaparecer.*”

O melhor, porém, é a boa profecia, pois ao final da música deve ser repetido duas vezes o especial desejo: *O amor será eterno novamente.../ O amor será eterno novamente...*


Piegas? Não. Romântico, belamente romântico e fundamente vital.

Ora, se a força está aí, no verso final, por que, então, colocar como título desta reflexão *Do mal será queimada a semente*? Porque os cuidados com a Vida, que podem nos levar à eternidade amorosa, requerem que sejamos ativos na queima da semente da maldade.

Semente? Sim, pois é potência, é possibilidade, é virtual. Somos capazes, porque humanos e livres, da prática deletéria, da ação maldosa, da agressão danosa. Humanos e livres, pulsões lesivas despontam como cenário e vontade em muitos dos nossos atos e omissões. Semente pode “virar” planta ou árvore ou fruto ou flor; semente, como o ovo, contém o novo. Semente pode “virar” praga ou erva daninha ou veneno ou droga lesiva; semente, como o ovo, pode apodrecer ou ser nefasta.

É por isso que o teólogo Leonardo Boff lembra que essa nossa abençoada liberdade, quando se torna *amaldiçoada liberdade*, precisa passar por uma “transfiguração inteligente”: sem perder a vitalidade que a pulsão agressiva comporta, fazer dessa agressividade potencial uma energia que se transfigure em força positiva e virtuosa.

Em outras palavras, o impulso como benefício, em vez de malefício, ou, mais ainda, como arranque robusto para cuidar da Vida, em vez de perder a reverência a ela e banalizar, assim, a convivência condominial que é viver.



É nessa hora que precisamos nos educar reciprocamente para recusar o biocídio. Recusar o biocídio! Venho usando com frequência esta ideia, de modo a expressar uma adesão consciente à rejeição das mortes cotidianas: a morte paulatina da fraternidade, a morte sorrateira da família como nicho afetivo, a morte insidiosa da sacralidade presente no Outro, a morte vagarosa do pertencimento à Vida em suas múltiplas manifestações, a morte da sexualidade liberta e afagante. Pequenas mortes no dia a dia: distraídos, admitimos que faleçam nossas rejeições aos biocídios catastróficos.

No entanto, agonizar jamais! Temos de levar em conta a sedutora e desleixada letargia que nos preenche em vários momentos e, a partir dela e contra ela, repelir e repudiar o desmazelo e a negligência com a nossa Esperança.

Paulo Freire, desde 2012 oficialmente o Patrono da Educação Brasileira, afirmava, e nós retomamos: É preciso ter esperança, mas tem de ser esperança do verbo “esperançar”, porque tem gente que tem esperança do verbo “esperar”, e essa não é esperança, é pura espera. *Ah, eu espero que dê certo, eu espero que funcione, eu espero que aconteça...* Isso, repita-se, não é esperança, mas um mero aguardar passivo.

Esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir; esperançar é procurar em nós e à nossa volta as sementes que urge exterminar, de forma a limpar terreno para proteger o Futuro e acolher a Vida com mais plenitude.

De novo, piegas? Não; mais uma vez, romântico, impregnado de poesia e aspiração vivificante, enfadado com as obviedades pretensamente consoladoras (e efetivamente conformantes), tais como: *A vida é assim...ou O que é que a gente pode fazer?*

É por isso que a sagacidade hebraica presente no Talmude foi certa ao ensinar que “há três tipos de pessoas cuja vida não merece esse nome: as de coração mole, as de coração duro e as de coração pesado.”

Coração mole a ponto de adiar a premência dos cuidados com a vida; coração duro a ponto de negar com arrogância que os cuidados sejam iminentes; coração pesado a ponto de urdir lamentações evasivas, deixando de usufruir o valor de que cuidados com a Vida não são um encargo, mas, isto sim, um patrimônio.

CORTELLA, Mario Sergio. *Não se desespere!:* provocações filosóficas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.